

Cápsulas que curam?

Pessoas de várias partes do Brasil – e até do exterior – têm buscado no Instituto de Química de São Carlos (IQSC) da USP cápsulas de fosfoetanolamina, que supostamente curaram pessoas do câncer. Médicos e pesquisadores discordam e dizem que a droga não pode ser usada porque não tem aprovação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Páginas 4 e 5



Cecília Bazzos

As cápsulas com a substância fosfoetanolamina

Os últimos dias de Herzog

O assassinato de Vladimir Herzog, em 25 de outubro de 1975, é lembrado por professores da USP que conversaram com o jornalista em seus últimos dias



Incidente Vladimir Herzog

O jornalista Vladimir Herzog

Páginas 12 e 13

Virada Científica atrai centenas aos campi

Realizada nos dias 17 e 18 de outubro, a Virada Científica apresentou mais de 400 atividades científicas nos oito campi da USP.

Páginas 10 e 11



Marcos Samois

Atividade circense da Virada

Evento discute Política ambiental

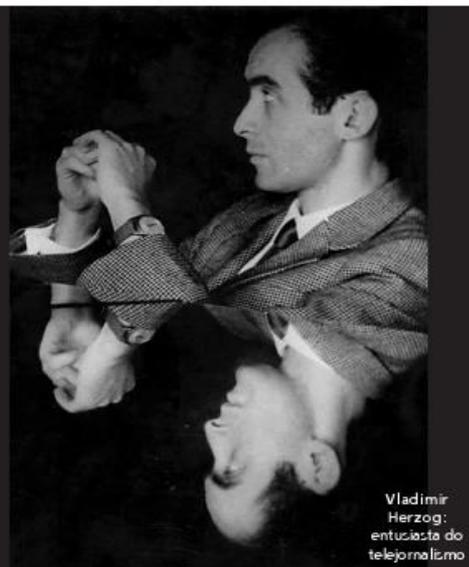
Propostas como maior atenção à área da saúde, feitas em encontro no dia 19, serão incorporadas à política ambiental da USP.

Páginas 3

MEMÓRIA

O trágico início do fim da ditadura militar

Há 40 anos, o assassinato do jornalista Vladimir Herzog – diretor de Telejornalismo da TV Cultura e professor da USP – gerou na sociedade brasileira a indignação e a desconfiança que contribuíram para enfraquecer o regime dos generais



Vladimir Herzog: entusiasta do telejornalismo

HÉRIKA DIAS E VALÉRIA DIAS
Agência USP de Notícias

O dia 25 de outubro passado marcou os 40 anos da morte do jornalista Vladimir Herzog, que em 1975 foi assassinado por agentes da ditadura militar então em vigor no Brasil. A vida e a morte de um dos jornalistas mais importantes para a história recente do País teve seus desdobramentos na USP, onde Vlado (seu nome verdadeiro) foi professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) por um breve período antes de ser morto.

A ida de Herzog para a ECA ocorreu devido à saída de vários professores no primeiro semestre de 1975. O professor Sival Medina, coordenador do curso de Editoração, havia sido reprovado, de forma arbitrária, em seu exame de qualificação para o mestrado, o que o levou a perder o cargo de professor. Em solidariedade, outros professores pediram demissão em maio do mesmo ano: Cremilda Medina (esposa de Sival), Paulo Roberto Leandro e Walter Sampaio, então chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração. Mas o desfalque era ainda maior, visto que outros professores já haviam sido casados e deixaram a ECA, e eles Jair Borin, Thomas Farkas e José Marques de Melo.

A demissão dos professores provocou a revolta dos alunos, que entraram em greve e exigiram a renúncia do então diretor da ECA, Manuel Nunes Dias. Foi a primeira greve de alunos desde 1968, que durou até agosto daquele 1975.

Essa falta de docentes motivou o jornalista Dile a Frate, então aluna de pós-graduação da ECA, a sugerir o nome de Vlado para a professora Gisela Ortigiani. Ela, por sua vez, o indicou ao professor José Coelho Sobrinho, que apresentou e defendeu o currículo de Vlado no Conselho de Graduação. A partir daí, Herzog passou a ser professor voluntário do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA.

"Eu era uma aluna muito atuante na ECA. Era representante de turma e conhecia o diretor Manuel Nunes Dias. Também conhecia o Vlado, porque na época eu era casada com o Paulo Markun (jornalista) e eles trabalhavam juntos na TV Cultura", relata Dile a. A área de telejornalismo, de acordo com a jornalista, estava aflorando no Brasil. "Vlado era um entusiasta dessa área, mais do que qualquer outro professor que a gente conhecia", lembra. Ela iniciou o mestrado e entrou na ECA como docente de modo informal. "A gente começava a dar aulas e esperava a contratação. Muitos professores ficavam sem receber durante esse período. A contratação não era como é feita hoje", explica. Dile a ficou responsável pela Agência Universitária de Notícias (AUN) e Vlado, pela disciplina de Telejornalismo.

Mas eles não tiveram muito tempo para exercer a profissão de professores na ECA e ministraram poucas aulas. O clima de insegurança e perseguições no País era evidente e o jornalista tinha consciência dos riscos que corria, conforme ele mesmo relatou em conversa com a professora Alice Mitika Koshiyama, também docente da ECA, na mesma semana da sua prisão e morte.

Dias de tensão – "Tivemos uma conversa muito marcante durante um café, na segunda-feira que antecedeu a morte de Vlado, que foi morto num sábado", relata Alice. Ele contou que sabia da existência de uma lista de pessoas que seriam detidas para um interrogatório no Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) e que ficou sabendo que estava entre os que seriam detidos. Alice disse a ele: "Você vai ficar assim, exposto? Não vai fazer nada? Você pode ir para algum lugar, tirar umas férias, um descanso". Mas Herzog

respondeu que não podia fazer isso, porque estava ocupando o cargo de diretor de Telejornalismo da TV Cultura. Era um cargo de confiança, indicado pelo secretário de Estado da Educação, José Mindlin, que, por sua vez, era indicado pelo governador Paulo Egydio, este, pessoa de confiança do então presidente Ernesto Geisel (1974-1979).

Herzog contou que havia um forte movimento contra qualquer possibilidade de abertura política, conduzido pela linha-dura das Forças Armadas. "Se eu fugir, vai parecer que eu sou culpado e vou atrair suspeita contra o secretário da Cultura e contra o governador. Até porque eu não fiz nada que possa ser objeto de condenação", disse ele a Alice.

A professora destaca que ficou muito preocupada, "porque às vezes vale a pena a pessoa to-

mar algumas medidas", mas não acreditava que os militares iriam "quebrar tudo e tal". "Mas era um a visão subjetiva minha. Eu não acreditava que eles fossem matar alguém. Eu falei isso e ficou por isso mesmo."

O relato de Dile a Frate reforça esse clima tenso que antecedeu o 25 de outubro de 1975. "Eu fui presa com o Paulo Markun na sexta-feira, 17 de outubro, e o meu aniversário e o batizado da minha filha eram no domingo, dia 19. Eu ficava falando para os militares, como se fosse um mantra, que eu era católica, que aquilo era um engano, que eu acreditava em Deus, tanto que iria batizar a minha filha no domingo."

No domingo, por volta das 10 horas, os militares levaram Dile a até a igreja onde ocorreria o batizado. "Eles chamavam isso de 'diligência': para verificar se

aquilo que foi dito era verdade mesmo", explica. Após o batizado, o pai de Dile a convidou os militares que a acompanhavam para irem ao almoço de batizado. "Eles foram. Isso foi surrealista", destaca.

Isso foi exatamente uma semana antes de Herzog ser assassinado. Durante o almoço de batizado, Paulo Markun mostrou uma lista com os nomes das pessoas que foram citadas durante os interrogatórios, e Vlado era um deles. "Nós demos a orientação para ele não tentar ser corajoso, e sim fugir, porque a barra estava muito pesada e não era apenas com a gente. Estava acontecendo alguma coisa muito pesada, além de nós. Era uma tentativa de golpe dentro do golpe: a ala mais radical do Exército estava tentando dar um golpe no Exército e nós éramos instrumentos desse golpe", conta.

A prisão de Dile a Frate teve consequências sérias para a sua vida profissional. Ela foi demitida por justa causa do seu emprego na revista da antiga Telesp (Telecomunicações de São Paulo) e teve que encerrar sua incipiente carreira acadêmica. O diretor da ECA chamou em sua sala e disse que Dile a era uma decepção por ter sido presa. Teve de ouvir: "Nunca mais coloque os seus pés na USP". Atualmente Dile a é produtora do Programa do Jô, da TV Globo.

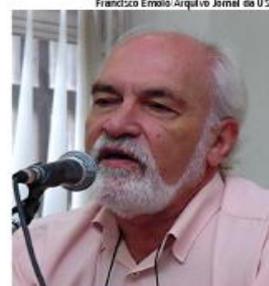


Dile a Frate e Alice Mitika: recordações dos anos de chumbo

Eles não sabem quem foi Herzog

A sala de computadores do Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP tem o nome de "Redação Vladimir Herzog", em homenagem ao jornalista. O professor José Coelho Sobrinho, da ECA, revela que fica sentido quando pergunta aos alunos de Jornalismo que acabam de ingressar na ECA se eles sabem quem foi Vladimir Herzog e ouve um "não" como

resposta. "Ai eu pergunto: vocês sabem que ele foi o divisor de águas entre a ditadura e o final desse período? Que foi a partir dele que a ditadura começou a ruir? A resposta é não", lamenta. "Acho que falta alguma coisa na estrutura curricular que fale mais sobre a nossa profissão e sobre as pessoas que fizeram essa profissão e como ela é importante para a democracia do País."



Coelho Sobrinho: lamento